LRS
LOURES
câmara municipal

A ARTE DO FERRO NA ARTE FUNERÁRIA

CEMITÉRIOS NÃO ROMÂNTICOS
LOURES

ROTA
TURISMO CEMITERIAL

CEMITÉRIO MUNICIPAL DE LOURES
CEMITÉRIO PAROQUIAL DE BUCELAS
CEMITÉRIO PAROQUIAL DE SACAVÉM
CEMITÉRIO PAROQUIAL DE SÃO JOÃO DA TALHA
CEMITÉRIO PAROQUIAL DE SÃO JULIÃO DO TOJAL

A ARTE DO FERRO NA ARTE FUNERÁRIA

CEMITÉRIOS NÃO ROMÂNTICOS

LOURES

O TEMA DO FERRO NA ARTE TUMULAR

O Cemitério Inglês, o dos Prazeres e do Alto de São João, em Lisboa, e o cemitério modelo de Père-Lachaise, em França, tiveram um papel fundamental na conceção dos cemitérios modernos, em Loures, assim como no resto do país, particularmente a sul.
E na influência da construção aborda-se quer a distribuição da ocupação do espaço do cemitério, quer a forma das construções – jazigos, campas, capela – quer os ornamentos.

A criação do Cemitério Municipal de Loures, com Regulamento de 1893 e com a ordem firme de criação de cemitérios paroquiais por Joaquim da Silva Mendes Leal, vereador do pelouro dos Cemitérios, com o presidente Anselmo Braamcamp Freire, veio finalmente atingir os objetivos que as Leis de 1835 e 1844 não tinham conseguido.

Naturalmente que, ao longo do tempo, os cemitérios, no seu global, foram crescendo ou mudando de lugar, substituindo construções, por ruína ou renovação, mas os vestígios hoje existentes em Loures atestam ainda uma grande qualidade na arte do ferro, o tema desta visita.
A Rota de Turismo Cemiterial criou, pois, uma oportunidade para ler esses vestígios cemiteriais, enquadrando-os numa época de forte influência francesa. ◆

O SÉCULO DO FERRO (SÉC. XIX)

O interesse pelo ferro fundido, como forma de decoração, é um fenómeno típico do Romantismo, também coincidente com a modernização das cidades, tomando como exemplo Paris.

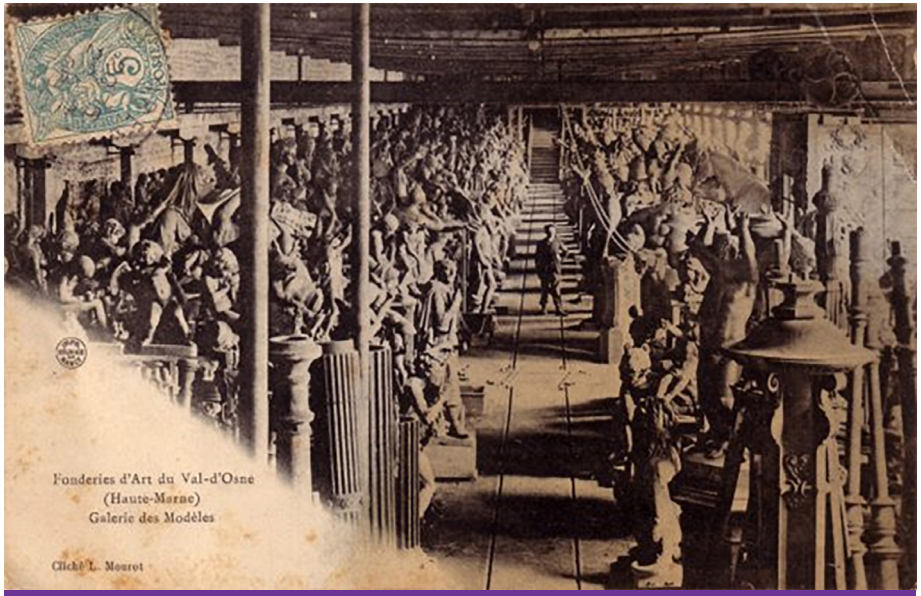
As exposições universais, desde 1851, tiveram influência na transformação urbana de algumas capitais europeias, acompanhadas, por vezes, pela introdução de novos artefactos em ferro fundido nos espaços públicos, particularmente no mobiliário urbano.
A empresa Val d'Osne, que participou na I Exposição Internacional, intitulada precisamente *Grande Exposição dos Trabalhos da Indústria de Todas as Nações*, no Palácio de Cristal, Londres[1], ganhou um protagonismo marcante.

A arte do ferro, do ferreiro e da forja, com a Exposição Internacional no Porto, em 1865, cedeu lugar à forte influência na utilização do ferro, modelado e fundido, sinal de modernidade e de avanço civilizacional, teve como resultado uma ainda maior visibilidade desta nova arte em Portugal, dando início a uma forte presença francesa: a Fábrica de Val d'Osne nunca mais perdeu esse patamar influenciador.

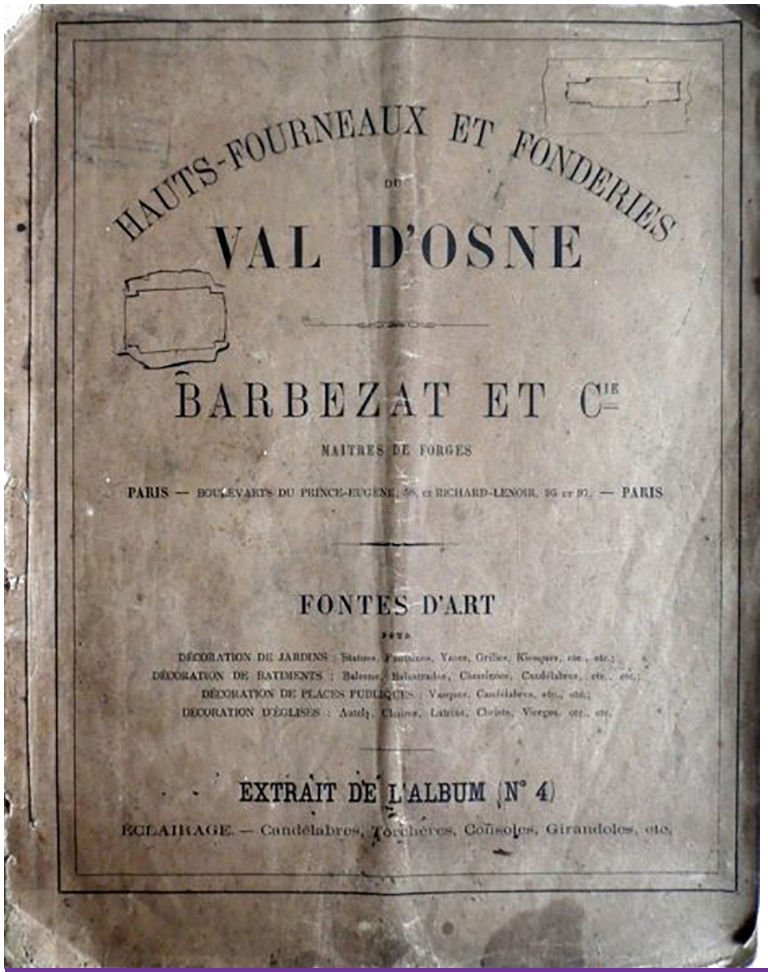
Esta foi uma das mais importantes fundições de ferro da época, para além da de Antoine Durenne e, a um nível menos global, a de Simon Perret ou a Fábrica Colas, todas francesas.

[1] Não será por acaso que no Porto, em 1865, irá surgir um Palácio de Cristal.

Na metalurgia, a fundição é o processo de colocar metal líquido num molde, que contém uma cavidade com a forma desejada, e depois permitir que resfrie e solidifique. A parte solidificada é conhecida como peça fundida, que é tirada do molde ou tem o molde quebrado para completar o processo.
A fundição é mais frequentemente usada para fazer peças complexas, as quais seriam difíceis ou mais caras de se fazer por outros métodos. Os processos de fundição são conhecidos há milhares de anos e amplamente utilizados em esculturas, armas e ferramentas. ◆



▲ Fundição Val D'Osne. Galeria de modelos.



▲ Exemplo de ferro fundido Fontes d' Art

O MODELO CULTURAL FRANCÊS E O PAPEL DOS SERVIÇOS TÉCNICOS DE LISBOA | MOBILIÁRIO URBANO

A presença de elementos urbanos em ferro fundido, provenientes da indústria de *Font d'Art francesa* na cidade de Lisboa, foi bastante importante.

A sua chegada situou-se num período marcante na vida da maioria das grandes cidades europeias do século XIX, com o início dos primeiros serviços públicos e, principalmente, o fornecimento de água potável.

A disseminação das novas tendências de embelezamento urbano oitocentista francês tem nos serviços técnicos de Lisboa uma importante ponte, comprovando que os circuitos de importação entre Portugal e França começaram a ganhar estrutura a partir da segunda metade do século XIX.

França era o modelo que todas as cidades queriam seguir, copiar, como sinal de modernidade e de cultura, de civilização.

Já Eça de Queiroz o referia n'**Os Maias**:
"Aqui importa-se tudo. Leis, ideias, filosofias, teorias, assuntos, estéticas, ciências, estilo, indústrias, modas, maneiras, pilhérias, tudo vem em caixotes pelo paquete. A civilização custa-nos caríssimo, com os direitos de Alfândega: e é em segunda mão, não foi feita para nós, fica-nos curta nas mangas...".

Foi a partir de 1859 que a cidade de Lisboa começou a denunciar apontamentos de influência francesa.[2]

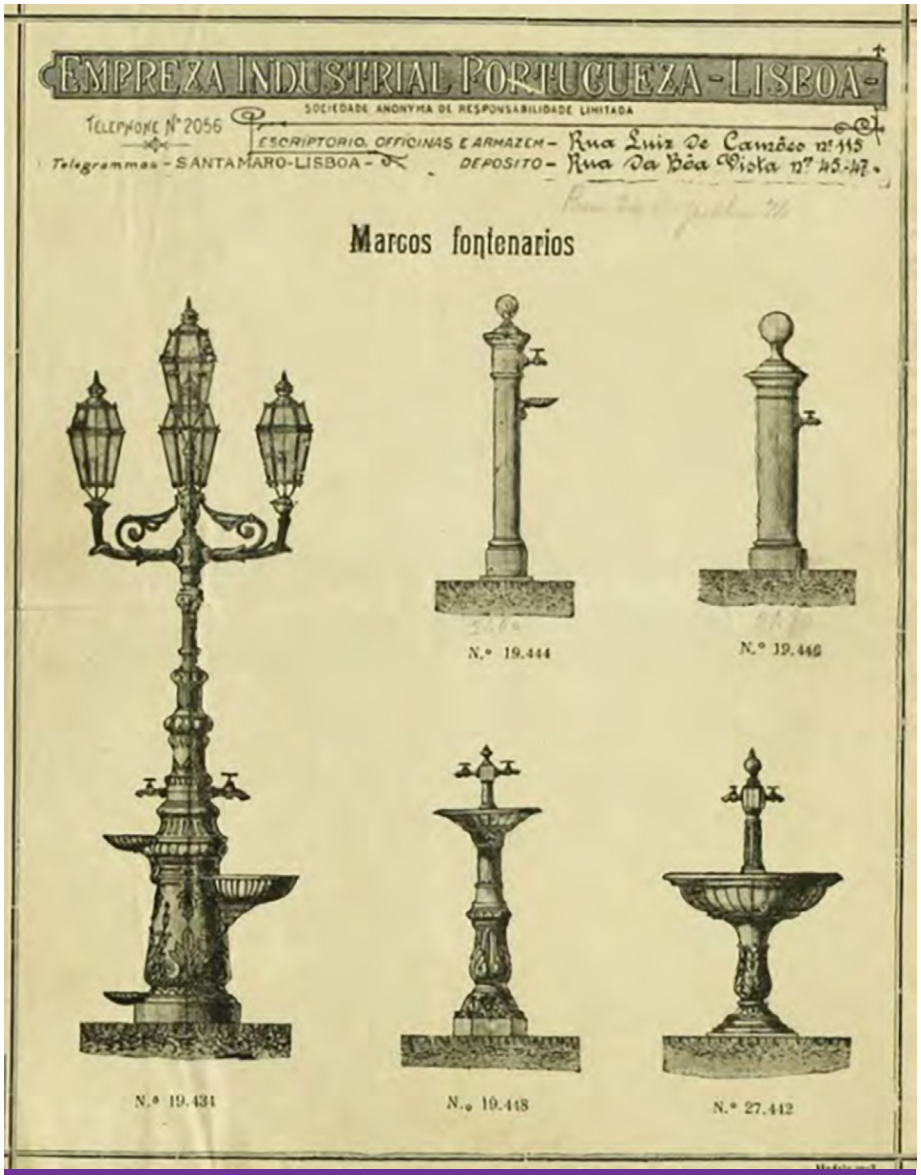
Com as novas restruturações nos serviços municipais são contratados arquitetos e engenheiros vindos diretamente de França, mas alguns técnicos pertencentes à Repartição Técnica da Câmara Municipal de Lisboa tentam a sua formação em França , como foi o caso de Ressano Garcia (1847-1911).[3]

Conforme *Inquérito Industrial de 1881*, as fundições existentes em Lisboa até ao ano de 1881 eram:

- Empreza Industrial Portugueza;
- Fundação João Burnay;
- E. Dauphinet & V. Castay;
- Augusto Prudêncio dos Santos;
- Perseverança;
- Fábrica Vulcano;
- Fábrica Tejo.
- Loures – Fundição Viúva de Caetano José Xavier & Filhos. Sacavém de Baixo.

[2] Existe um rico acervo documental à guarda do Arquivo Municipal de Lisboa (AML), com as coleções de desenhos, projetos, e outros suportes com iconografia diversa relativa à cidade de Lisboa.

[3] Planeou a construção de estruturas da zona metropolitana de Lisboa, Avenida da Liberdade, Praça Marquês de Pombal, Avenida 24 de Julho, os bairros de Campo de Ourique e da Estefânia e a linha de Sintra.

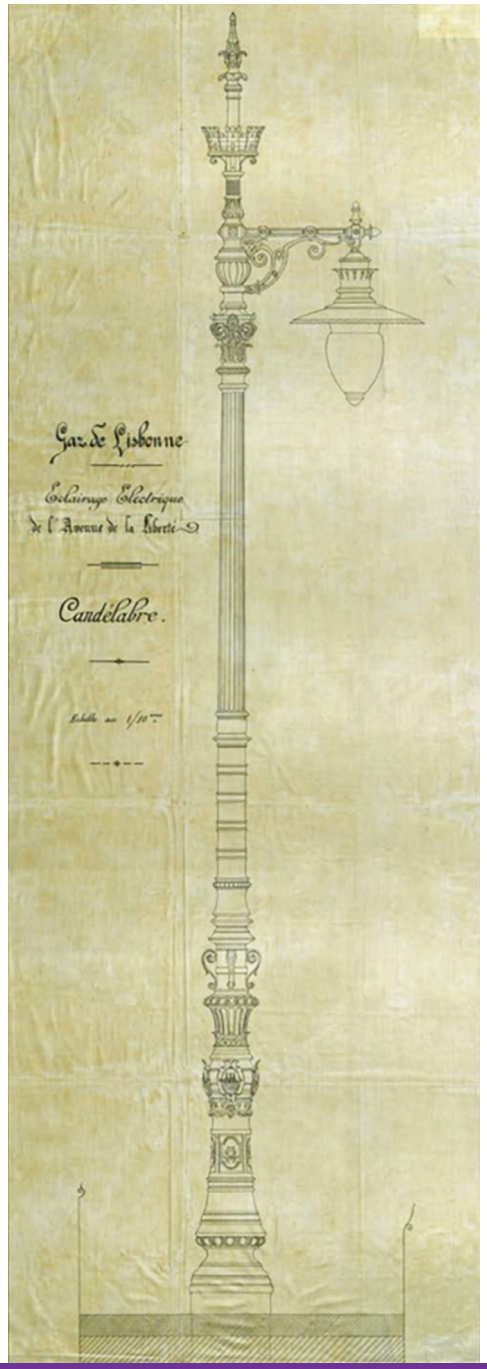


▲ Figura da Empreza Indústrial Portuguesa – Exemplos de marcos fontenários

A 7 de junho de 1888, o Rei D. Luís I inaugura, em Lisboa, a *Exposição Nacional de Indústrias Fabris*. O lugar escolhido para albergar esta exposição foi a Avenida da Liberdade.
Do distrito de Lisboa, concorreram sete indústrias de serralharia e fundição:

- Sr. Francisco Lourenço da Silva Almeida;
- Sr. Augusto Prudêncio dos Santos Chaves;
- Companhia Perseverança;
- Empreza Industrial Portugueza;
- Encarnação e Cª;
- António da Cruz Xavier;
- Manoel José da Costa Soares.

A Companhia Perseverança e a Empreza Industrial Portugueza afirmaram a sua superioridade. ◆



▲ Desenho de candeeiro elétrico para iluminação pública da Avenida da Liberdade, executado para a Companhia de Gás de Lisboa, [18--]. AML, PT/AMLSB/CMLSB/UROB-PU/11/642, p. 1.

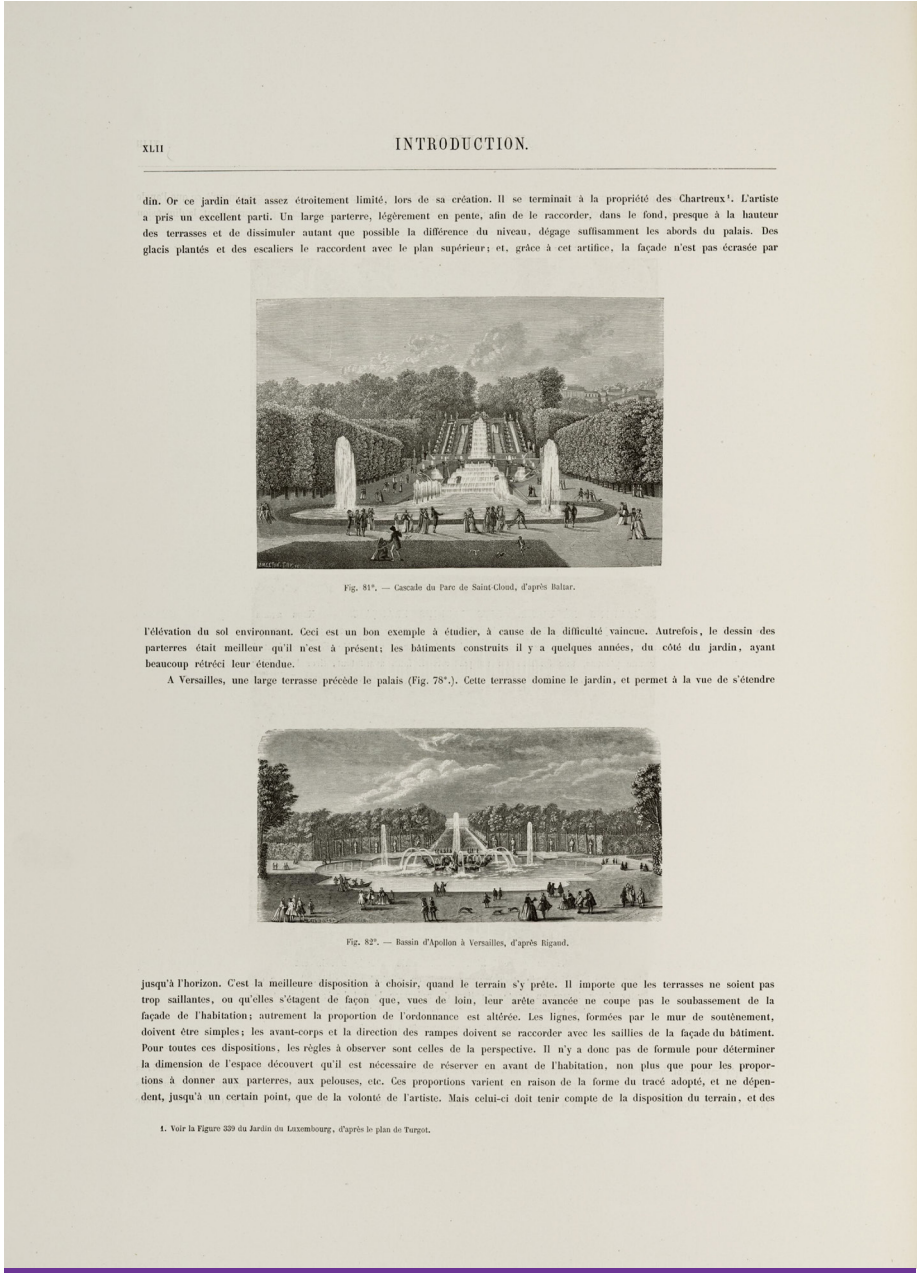
OS MODELOS DE MOBILIÁRIO URBANO EM LISBOA

Les Promenades, de Paris, obra de Adolphe Alphand e Émile Hochereau, editada entre 1867-1873, com desenhos e gravuras de elementos da decoração, foi uma das fontes de divulgação e inspiração de muitas das peças de mobiliário urbano do séc. XIX, amplamente divulgada e consultada.
As indústrias de fundição francesas, como a Fundição Val d'Osne, Durrenne, Tusey, Ducelou Burke & Cª aparecem, pela primeira vez, no mercado, como produtores e distribuidores de um vasto repertório de mobiliário urbano, através da edição e publicação de catálogos. ◆

DESENVOLVIMENTO NACIONAL DE INDÚSTRIAS

A falta de matérias-primas; o atraso na modernização tecnológica; a deficiente preparação dos recursos humanos; a preferência pela aplicação dos capitais no sector imobiliário e financeiro, bem como a forte concorrência estrangeira, revelaram-se os principais entraves ao bloqueio do desenvolvimento da indústria nacional, no final da segunda metade do século XIX.

Apesar de todos estes constrangimentos, concluímos que as principais fundições portuguesas a destacarem-se como produtores e fabricantes de mobiliário urbano em ferro fundido foram, em Lisboa: a Companhia Perseverança, antiga Fundição de Colares, Fundição de João Burnay, posterior Empresa Industrial Portuguesa, e a Fábrica Vulcano. ◆



XLII INTRODUCTION.

din. Or ce jardin était assez étroitement limité, lors de sa création. Il se terminait à la propriété des Chartreux[1]. L'artiste a pris un excellent parti. Un large parterre, légèrement en pente, afin de le raccorder, dans le fond, presque à la hauteur des terrasses et de dissimuler autant que possible la différence du niveau, dégage suffisamment les abords du palais. Des glacis plantés et des escaliers le raccordent avec le plan supérieur; et, grâce à cet artifice, la façade n'est pas écrasée par

Fig. 81*. — Cascade du Parc de Saint-Cloud, d'après Baltar.

l'élévation du sol environnant. Ceci est un bon exemple à étudier, à cause de la difficulté vaincue. Autrefois, le dessin des parterres était meilleur qu'il n'est à présent; les bâtiments construits il y a quelques années, du côté du jardin, ayant beaucoup rétréci leur étendue.

A Versailles, une large terrasse précède le palais (Fig. 78*.). Cette terrasse domine le jardin, et permet à la vue de s'étendre

Fig. 82*. — Bassin d'Apollon à Versailles, d'après Rigand.

jusqu'à l'horizon. C'est la meilleure disposition à choisir, quand le terrain s'y prête. Il importe que les terrasses ne soient pas trop saillantes, ou qu'elles s'étagent de façon que, vues de loin, leur arête avancée ne coupe pas le soubassement de la façade de l'habitation; autrement la proportion de l'ordonnance est altérée. Les lignes, formées par le mur de soutènement, doivent être simples; les avant-corps et la direction des rampes doivent se raccorder avec les saillies de la façade du bâtiment. Pour toutes ces dispositions, les règles à observer sont celles de la perspective. Il n'y a donc pas de formule pour déterminer la dimension de l'espace découvert qu'il est nécessaire de réserver en avant de l'habitation, non plus que pour les proportions à donner aux parterres, aux pelouses, etc. Ces proportions varient en raison de la forme du tracé adopté, et ne dépendent, jusqu'à un certain point, que de la volonté de l'artiste. Mais celui-ci doit tenir compte de la disposition du terrain, et des

1. Voir la Figure 339 du Jardin du Luxembourg, d'après le plan de Turgot.

▲ Excerto de uma página da edição do livro/catálogo *Les Promenades*, 1867-1873.

A REPRODUÇÃO

Um dos entraves ao desenvolvimento industrial em Portugal foi a baixa formação dos seus técnicos e operários. A maioria dos operários continuava sem saber ler nem escrever e a sua aprendizagem era realizada dentro do local de trabalho, ao longo dos primeiros cinco anos de fábrica. No final desse período apurava-se se o operário já dominava a "arte". Caso fosse afirmativo, passava logo à categoria de mestre/oficial. Basicamente era este o método do ensino nas indústrias de fundição.

Foi com a nova reforma de 1883/84 que o ensino industrial começou a registar um desenvolvimento considerável, com sucessivas instalações de escolas industriais em várias localidades do país, onde a industrialização exigia a formação de mão de obra devidamente preparada e especializada.

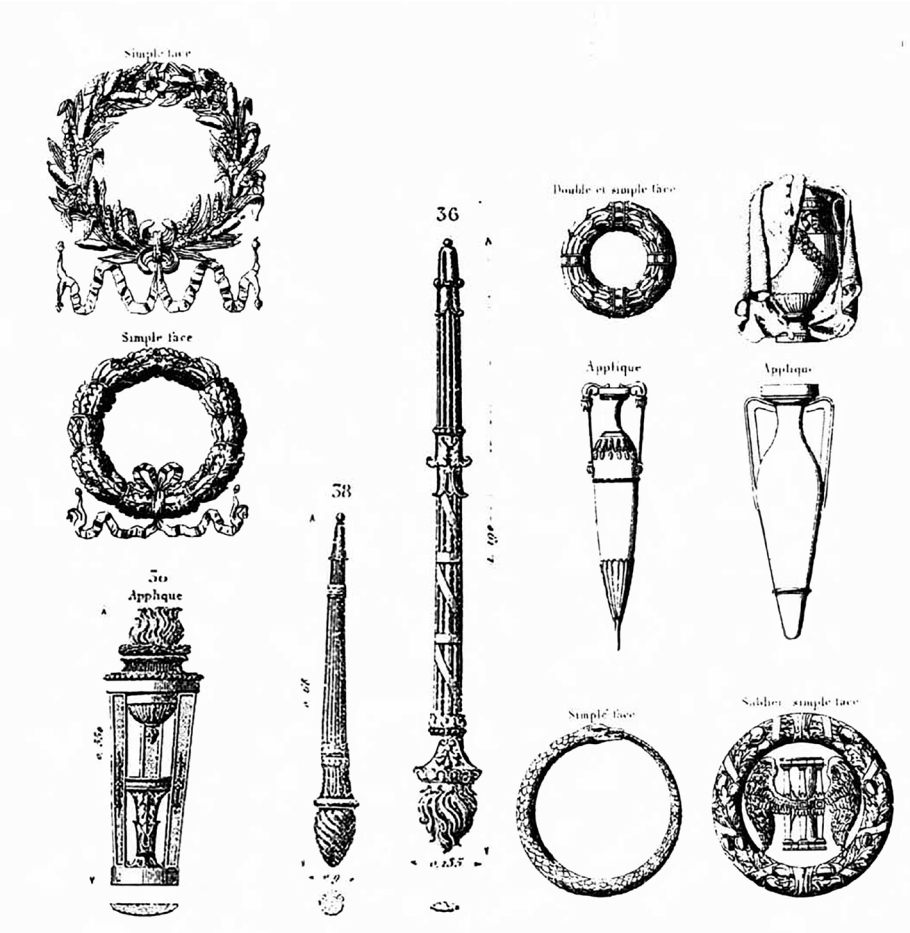
A necessidade de domínio de conhecimentos técnicos mais específicos, ligados à fundição e à construção de máquinas, fez com que, na maioria dos estabelecimentos, existissem encarregados estrangeiros ou responsáveis nacionais enviados para o estrangeiro para ganharem formação técnica e específica. ◆

A Companhia de Artefactos de Metais, 1837-1852, no Porto, foi de grande influência no desenvolvimento da arte tumular e nessa região, por transferência, também em Lisboa, quer por difusão das obras concretas, quer por apresentação de catálogo para encomendas.
O cemitério da Lapa e do Prado do Repouso, no Porto, apresentam, por exemplo, trabalhos desta importante fábrica e a influência de estampas da fundição de Val d'Osne.

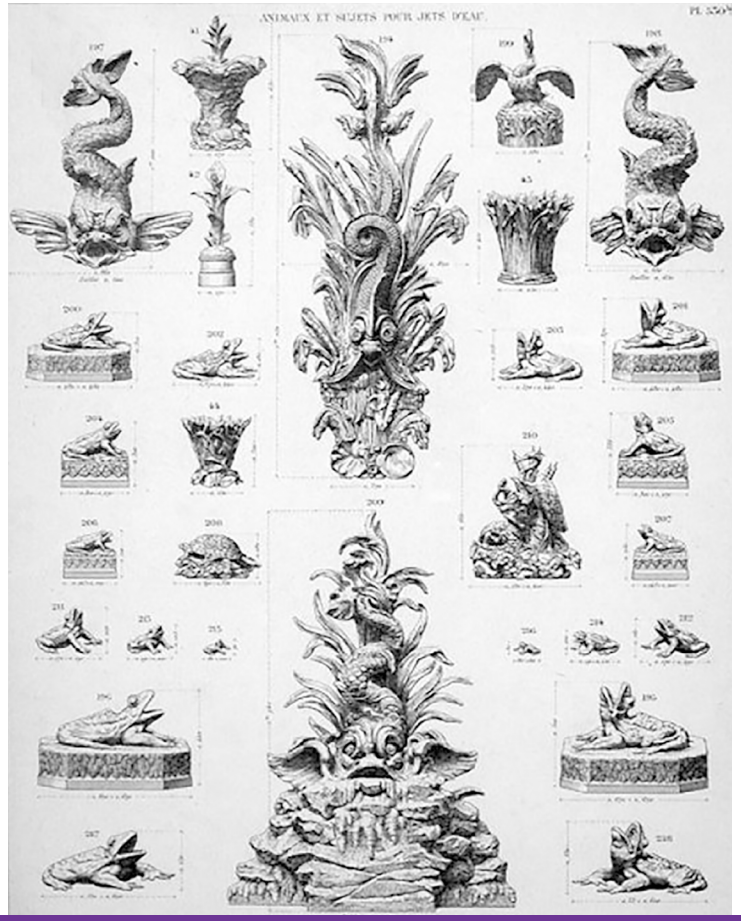
Remates, pilastras ou colunelos, gradeamentos de capelas ou de jazigos, mausoléus, dormideiras, pontas de lança, coroas de flores, ampulheta alada (Val d'Osne), serpentes enroladas, fachos invertidos e urnas.
Também a Fundição de Antoinne Durrenne apresenta registos no Cemitério da Lapa.

A importância do mobiliário urbano atrás referido não é de menor influência, quer em grades ou mesmo portas de jazigos, muitas vezes por gosto do canteiro.
Aliás, as fábricas de fundição estavam prontas para substituir os mestres serralheiros.
A importância desta fábrica do Porto, iniciada quando o gosto francês predominava, foi transmitida a Lisboa, mas aqui também outras fábricas marcavam o seu lugar.

A presença de oficinas que copiavam gravuras ou desenhavam jazigos é comum e é com muita mão de obra hábil que se vão realizar transferências culturais da maior valia, feitas por serralheiros com moldes criados ou comprados. ◆



▲ Modelo avulso para cemitérios, de um catálogo de Val d'Osne.
Arqueologia Industrial, 4ª série, 2005, I (1-2).



▲ Elementos decorativos, ferro fundido. Val d'Osne.

▲ Cemitério Paroquial de Bucelas

▲ Cemitério Paroquial de São Julião do Tojal

▲ Cemitério Municipal de Loures

▲ Cemitério Paroquial de Sacavém

▲ Cemitério Paroquial de São Julião do Tojal

Nesta Rota de Turismo Cemiterial,
o ferro forjado nos cemitérios iniciou-se
com desenhos copiados de outros cemitérios,
sobretudo do Alto de São João, em Lisboa,
copiando Père-Lachaise (França).

Depois, segue-se o ferro fundido, que tem
o seu tempo e também com fortes influências
dos modelos e gosto das fábricas francesas.
É importante frisar a presença, em Loures,
de muitos canteiros de Lisboa, Vila Franca
de Xira e Montelavar, que se fazem
acompanhar por trabalhos de ferro fundido,
copiando modelos de gosto francês,
identificados em Lisboa.

É desta variedade de influências que, ao longo
do séc. XIX e XX, os cemitérios de Loures
guardaram vestígio, hoje de particular
relevância para uma redescoberta do ferro
na arte tumular, nestes cemitérios
não românticos. ◆

REFERÊNCIAS:

Ana Paula de Sousa Assunção sobre obras de:

Amado Mendes, J. (2000). *O ferro na história: das Artes Mecânicas às Belas-Artes. Gestão e Desenvolvimento*, nº 9: 301-318.

Barradas, S. (2015). *A produção de mobiliário urbano de fundição em Portugal: 1850 a 1920*.

Queiroz, F. (2011.) *Modelos para as artes do ferro aplicada à tumulária romântica em Portugal* in, Iconografia e Fontes de inspiração. Imagem e memória da gravura europeia. Atas do 3º colóquio de Artes Decorativas.

Queiroz, F. (2005). *A Companhia de artefactos de metais estabelecida no Porto (1837-1852)*. Para o estudo monográfico de uma fundição pioneira. Separata de Arqueologia Industrial, quarta série, volume I, número 1-2.

Barbeza er Cie. *Ornements en fonte de fer; Usine du Val d'Osne*. Haute- Marne. s/d.

Peixoto, P.T. (2012). *Os jardins do Palácio de Cristal e as Fontes D'art*.
Revista Arquitetura Lusíada, Nº 4 (1º semestre 2012): p. 105-112. ISSN 1647-900

AGENDAMENTO OU INFORMAÇÕES GERAIS

Cemitério Municipal de Loures
turismo@cm-loures.pt
211 150 352
dspa@cm-loures.pt
211 150 913

Cemitério Paroquial de Bucelas
biblioteca@jf-bucelas.pt
219 694 353

Cemitério Paroquial de Sacavém
francisco.gravito@uf-sacavemepriorvelho.pt
219 497 020

Cemitério Paroquial de São João da Talha
paula.zeferino@uf-ssb.pt
219 554 525

Cemitério Paroquial de São Julião do Tojal
luisa@jf-tojal.pt
219 738 580